

(Diminui o crédito comercial)

1985

por George Vidor
do Rio

Os empréstimos de curto prazo dos bancos internacionais ao Brasil dentro do chamado projeto III (agora rebatizado de projeto C, para não confundir com a fase III da renegociação da dívida externa brasileira) caíram nas últimas semanas. Os banqueiros querem emprestar, mas falta procura por financiamentos novos. O projeto C (ou III) abrange as linhas comerciais, tanto para exportação quanto para importação. No primeiro semestre, os bancos chegaram a emprestar voluntariamente US\$ 500 milhões além do limite mínimo estabelecido no acordo com o Brasil (US\$ 10 bilhões). Nos últimos meses, porém, como não há operações e interessados, alguns bancos ficaram até abaixo do limite mínimo.

São várias as razões para esta queda. A principal delas é que a Petrobrás tem obtido dos seus fornecedores de petróleo condições de pagamento pelo óleo cru em condições mais vantajosas do que as do crédito bancário. A segunda é que, a partir das compras de petróleo, o Brasil tem feito muitos acordos de "counter trade", vendendo mercadorias e serviços em con-

trapartida às importações. Nesses negócios, o pagamento em dinheiro geralmente só entra nos períodos da compensação, em que cada país verifica o que comprou do outro, acertando a diferença em moeda.

Isto reduz consideravelmente o fluxo financeiro e a necessidade de créditos comerciais em moeda estrangeira, já que as operações acabam sendo financiadas internamente pela moeda local do país vendedor ou comprador. O crédito co-

mercial em moeda forte só se torna indispensável — e mesmo assim para atender às normas do acordo do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) — para cobertura do saldo da compensação, que pode não ser expressivo.

A redução das exportações brasileiras em relação ao ano passado, assim como a queda global das importações, deve também estar influenciando a diminuição dos créditos comerciais para o Brasil. Os banqueiros gostam de emprestar a curto prazo dentro da sistemática estabelecida no projeto C (ou III). O acordo que o Brasil assinou neste campo é usado como padrão pela comunidade financeira internacional e foi, depois, aplicado em outras renegociações com países devedores, como a Venezuela, o Chile e a Argentina.

Apesar do interesse dos banqueiros, tudo indica que o Brasil, neste ano, não conseguirá fechar a sua conta de créditos comerciais além dos US\$ 10 bilhões. Se tal previsão ocorrer, é possível, inclusive, que haja pequena redução na dívida externa global do País, que não mais fecharia o ano em US\$ 100,3 bilhões, mas talvez até abaixo de US\$ 100 bilhões, embora não seja este o interesse das autoridades econômicas brasileiras, que preferem manter a dívida estabilizada e obter um crescimento das reservas cambiais.

A redução das linhas comerciais significa que os créditos foram amortizados e não renovados. Isto influi negativamente sobre as reservas.